

### Igreja paroquial das Taipas

Mandada construir pelo benemerito Conde de Agrolongo

Braga, 26 de Janeiro de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

# Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 354 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L. da

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

## A'S MÃES

**Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos?**

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de fígados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

**FARMACIA FIGUEIREDO, L.da**

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

## Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

**ALMEIDA, GOMES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>**

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café

Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

BIBLIOTECA REGIONAL  
BIBLIOTECA GERAL  
Cota  
15/11/2005  
UCP-BRAGA 166E

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



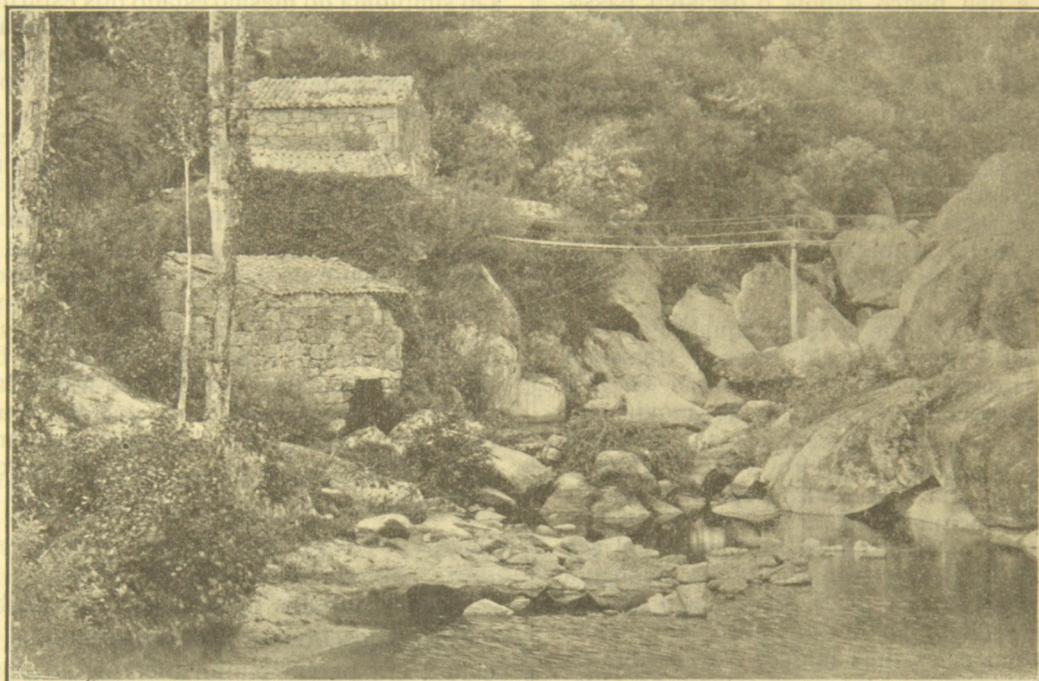
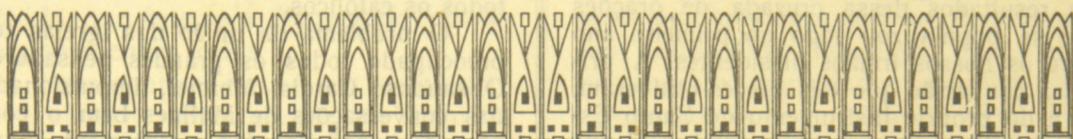
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º  
Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica».

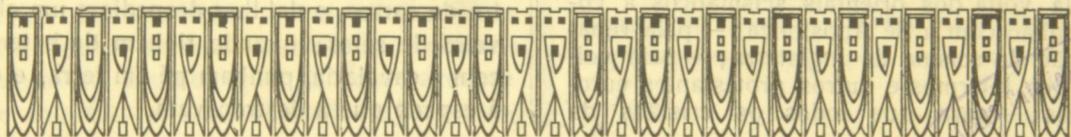
Braga, 26 de Janeiro de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VIII — N.º 354



VIEIRA DO MINHO — ROSSAS — Moinhos abaixo da ponte de S. Pedro. Ponte de Arame



Portuguesa  
BIBLIOTECA  
FACULDADE DE PEDAGOGIA  
BRAGA

**N**ÃO sabemos se em parte alguma de Portugal é celebrado este oitavario: apenas uma noticia vimos a seu respeito, num jornal do paiz. Mas é interessante a ideia, e deve predominar na semana que hoje finda, como a aspiração comum de todos aqueles que adoram Cristo Jesus e com Ele desejam que seja todo o mundo um só rebanho e um só pastor.

Foi a alma generosa de um protestante que lançou no mundo esta ideia: a de uma grande prece colectiva á bondade divina para que se faça a união de todas as igrejas que usam nome de cristãs e que adiram á fé os que a não aceitaram ainda.

Só o Espirito Santo que sopra onde quere, poderia inspirar tão justo como oportuno pensamento. E bem se viu nos primeiros resultados dessa cruzada de orações que se popularizou logo no primeiro ano entre os nossos irmãos dissidentes. A primeira conversão que tais preces obtiveram, foi a do proprio instrumento do Santo Espirito de Deus; o protestante de boa fé que orou e fez orar pela união de todos os cristãos, e deu pouco depois o decisivo passo aderindo á columna e mestra da Verdade, a Igreja de Roma.

E mais, a Sociedade da Expição, formada agora de protestantes convertidos, patrocinou a ideia desta Cruzada de preces. Foi ha vinte anos, em 1908. Pio X, em Dezembro do ano seguinte, aprovou e recomendou essa sublime Cruzada de orações, que teve em seguida favoravel desenvolvimento, aos paizes de lingua ingleza, sobretudo.

Bento XV, que sucedeu aquele Pontifice e teve da Providencia o encargo tremendo de pastorear o mundo durante a Grande Guerra reconheceu que neste movimento salutar era visivel a acção divina; e no seu Breve de 15 de Fevereiro de 1916 tornou extensiva esta devoção á Igreja Universal.

E', sucintamente, a historia de um Oitavario de preces que deve mediar entre o dia 18 de Janeiro, que a Igreja dedica á festa da Cadeira de S. Pedro, e o dia 25, em que celebramos a Conversão de S. Paulo.

Com estes dois marcos a traçar-lhe os limites, e ambos tão expressivos, no Oitavario da união das igrejas reza-se sucessivamente pelo regresso de todos os «cordeiros» afastados ao redil de S. Pedro; — pela volta dos orientais scismaticos á comunhão com a Sé Apostolica; — pela reparação do scisma da Inglaterra; — pela volta dos luteranos e outros protestantes europeus; — para que todos os cristãos da

America sejam uns comnosco; — para que todos os católicos tibios se afervorem; — pela conversão dos israelitas; — para que todo o mundo enfim seja doutrinado pelos missionarios.

Programa na verdade divino, porque é apenas a glosa, a tradução e comentario humano á Oração sacerdotal de Jesus!

Programa que surge esplendido nos entendimentos, que Bento XV bem viu agitados pelo sinistro fragor da guerra. Em tudo bem anseia o mundo pela união!

E depois das enciclicas de S. S. Pio XI, ora presidente na Igreja de Deus, as celebres «Mortalium animos» e a «Resum Orientalium», esta Cruzada a favor da Unidade da Igreja deve ter uma importancia especial, ser acolhida com dedicação por todos os católicos.

O problema da união das igrejas tem preocupado todos os grandes pensadores. O saudoso Cardial Mercier, impulsionador das conversações de Malines bem o compreendeu. As disputas recentemente havidas na Inglaterra acerca do «Prayer Book» são symptoma do mesmo estado dos espiritos.

A ideia fundamental desta Cruzada é uma aspiração constante da Igreja, e nem podia deixar de ser porque é a sua propria essencia: — que sejam um!

O problema, o grande problema está porém, no caminho da solução. Quando milhões de católicos e milhões tambem de «separados» oram ao Pai celeste, como Jesus orou, que todos sejam consumados na unidade, não é de esperar que se apresse a hora da grande união cristã, do catholicismo?

Oxalá que Portugal ouça tambem o apelo que lançou aquele protestante de boa fé, e que confirmou a Suprema Autoridade Pontifical popularizando-se nos anos futuros o Oitavario que hoje termina, a grande Cruzada de orações pela conversão de todo o mando.

\*\*\*\*\*

**Guerrear dos Bretões.** — A proverbial valentia dos bretões data já de muitos séculos; era porém muito diferente do nosso o seu modo de guerrear nos tempos antigos, se se deve dar crédito ao que a tal respeito assevera Cesar. Atacavam os inimigos dentro de carros, e daí lhes despediam um chuveiro de setas; quando tinham de bater-se com a cavalaria, punham pé em terra, e era á espada que a destroçavam.

# A SANTIDADE DO TRABALHO

**E'** MANIFESTAMENTE evidente que a humanidade não pode viver sem o fruto do trabalho de alguém, sobretudo se ela deseja fruir uma vida um pouco superior à mera conservação do animal, a respeito da qual o homem é ainda muito inferior à generalidade dos outros animais.

Alimento, vestuário, instrução, conforto, habitação, prazeres estéticos, em suma, tôdas as inumeráveis coisas de que se compõe a vida da sociedade moderna, requerem trabalho, duro e incessante trabalho. E, se todos vivem dos efeitos do trabalho, justo é, sem dúvida, que êste seja distribuído razoavelmente entre todos.

Sem contestação, é um repugnante e abusivo absurdo que no meio da humanidade haja muitos que apenas são consumidores, isto é, parasitas da espécie humana, em extremo repugnantes.

A justa distribuição do trabalho necessário para a vida comum é, com certeza, muito difícil, talvez impossível; mas é também muito certo que a clamorosa injustiça observada a êste respeito é apta para produzir irreprimíveis revoltas, cujas perniciosas conseqüências, se as podemos lamentar, não devemos, contudo, chamar surpreendentes e *imerecidas* pela sociedade no seu conjunto.

Em atenção à inegável grande diferença nos dotes físicos, mentais e morais com que os homens nascem, e ainda porque a divisão do trabalho fornece uma produção mais abundante e mais perfeita, não podemos, escusado será dizê-lo, exigir uma distribuição cega e indiferente, olhando apenas ao tempo e ao esforço requeridos. Eu não pretendo condenar o direito de propriedade, embora o seu âmbito seja matéria de sérias controvérsias; pretendo apenas que todos devem trabalhar, encarregando-se aqueles que já não carecem de angariar a sua subsistência, ao me-

nos de auxiliar os outros, por exemplo, administrando e dirigindo asilos, escolas de pobres e outras obras de assistência social.

Eu penso que fundamentalmente as organizações das sociedades civis devem visar a conseguir a maior felicidade geral e a distribuir com justiça o correspondente trabalho necessário por tôdas as pessoas, segundo a sua competência e méritos; mas observo que, infelizmente, estas organizações são, teórica e ainda mais praticamente, revoltantemente defeituosas. Quanto a mim, eu sou obrigado a ganhar quanto consumo mediante um estrénuo trabalho; mas devo confessar que experimento um consolador orgulho desta circunstância e nunca o meu feitio aquiesceria a viver apenas de quaisquer receitas providas d'outra qualquer origem.

Sem dúvida, eu não rejeitaria uma herança; todavia, quando não tivesse de trabalhar para o meu sustento, trabalharia dalgum modo em favor dos mais necessitados da sociedade, porque, além do amor do próximo, não me resignaria a ser no meio da humanidade simplesmente um consumidor.

Sinto apenas que, por causa dos defeitos das actuais sociedades e maiormente da injustiça que prevalece na nação portuguesa, me veja forçado a trabalhar em excesso e seja impedido, por falta de tempo, de estudar quanto desejaria e julgasse conveniente, e de proporcionar ao meu espírito os prazeres a que teria direito, se a distribuição do trabalho fôsse mais justa.

Porisso, ainda que sem deixar de lamentar tais injustiças e contrariedades, considero o trabalho verdadeiramente santo, porquanto dá uma razão à nossa existência, compensa o que recebemos do mundo e torna mais saboroso espiritualmente o pão que comemos.

A. F. BOTELHO.

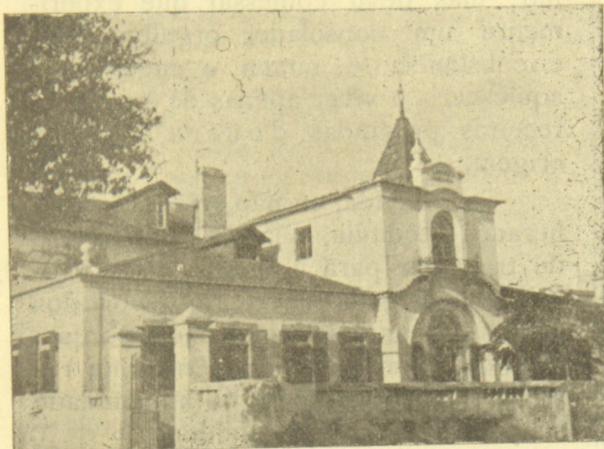
# UMA GRANDE OBRA DE CARIDADE

## A CRÉCHE JOSÉ LUIZ EM CASCAIS

**D**ISSE Bossuet que logo que Deus formou o coração e as entranhas do homem, poz-lhe primeiramente a bondade. Recordei-me desta frase do grande pregador francez, quando num dia banhado de lindo sol fui visitar em Cascais esta Créche a convite do meu amigo e ilustre medico católico sr. dr. Pereira Coutinho.

O que pude ver e analisar apenas pode sair de uma potente força cristã, toda banhada de amor e de caridade.

Junto á fundação desta Créche andam ligados os nomes de uns titulares ilustres, que desejaram vincar o nome de um filho



Crèche José Luiz em Cascais

(Foto. de Alfredo Pinto (Sacavem))

estremecido que Deus desejou chamar á sua presença — os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Condes de Monte Real, proprietarios em Cascais, duas almas eleitas para o bem, e que compreendem a religião de Deus, como ela deve ser encarada toda baseada no amor pelo proximo, especialmente nas criancinhas.

Façamos um bocadinho de historia para vermos como esta Créche nasceu.

A Comissão Municipal de Assistencia do concelho de Cascais, tomando posse em 1923, deliberou fundar uma Créche na séde do concelho por ter verificado a sua rapida necessidade num ambiente onde tão necessario era a assistencia infantil. Apareceram

mil dificuldades, onde não faltaram falta de recursos e dum edificio apropriado. Foi então que os Srs. Condes de Monte Real, sabendo das luctas que tinha a Comissão, ofereceram o terreno, edificação da casa, mobiliario e generos alimencios para algum tempo.

Em pouco tempo surgiu a Créche como por encanto, ficando com o nome de — *José Luiz*, filho estremoso dos nobres titulares.

A Créche foi entregue á Comissão, em 27 de outubro de 1925, dia do passamento de José Luiz, linda ideia cheia de amor e saudade!

Foram recebidas 30 crianças de ambos os sexos. Nesta data existem 11 crianças do sexo feminino e 19 do masculino, tendo a mais pequena 13 mezes e a mais velha 5 anos. A experiencia tem mostrado que não podem ser recebidas alem desta idade, por causa da indisciplina, e pelas palavras pouco proprias que ouvem lá fóra e vêm repetir.

A Comissão, pensa fundar uma *Escola-Oficina* para crianças de mais idade, com uma aula infantil anexa.

O regimen das crianças tem sido até aos 18 mezes, leite, caldos, pápas e dessa idade em diante, um almoço pelas 10 1/2 horas, pão com marmelada pelas 14 horas e jantar ás 17, sendo o almoço e o jantar só dum prato.

As crianças entram na Créche das 8 ás 9, vestem os bibes, tomam banho por turnos, e brincam nos intervalos das refeições ao ar livre. Nos dias de chuva e agrestes, numa sala propria. Os mais pequenos, teem berços onde dormem a sesta.

A Créche é administrada por uma direcção formada por 3 membros da Camara Municipal.

Um dos membros é um médico que presta assistencia diaria aos pequeninos.

O pessoal compõe-se de uma regente, duas vigilantes, uma cosinheira e uma encarregada das roupas e lavagens.

Antes da Crèche ser entregue á Comisão foi visitada pelo digno prior de Cascais, rev. Caetano Batista, tendo feito a entronisação do Sagrado Coração de Jesus.

Visitei todo o edificio onde pude ver magnificas salas, arejadas, tudo muito limpo, e as crianças muito contentes brincando e rindo.

O médico da Crèche, o sr. dr. Pereira Coutinho, acompanhou-me, sempre muito amavel, prestando-me todos os esclarecimentos e falando da Crèche com um enlêvo digno de nota e de exemplo!

O sr. dr. Pereira Coutinho, um homem

de sciencia e de grande crença católica, é um belo caracter que fez dimanar de si, uma atmosfera de fé e de bondade.

Aqui deixo patenteados os meus agradecimentos pedindo a Deus que sempre proteja tão prestimosa Crèche, assim como os seus fundadores e todos que nela trabalham para confôrto fisico e moral de todas essas criancinhas, verdadeiros anjos de Deus, sobre a terra.

Lisboa — Novembro.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

## UM DE ENTRE MUITOS

JÁ vai tarde a noite e o céu ameaça tempestade. Junto a uma meza de castanheiro, assentado num banco secular e carcomido, sorvia as primeiras colheradas de sopa o pároco da freguezia.

Havia saído a visitar os doentes, então em grande numero, em consequencia da gripe que aí grassava, recolhendo a casa ás 9,30 da noite.

Abismado não sei em que melancolia profunda, fixava o muro fronteiro, conservando-se por momentos naquella attitude e seguidamente baixava os olhos sobre o bacamarte, recostado ao mesmo, retirando-se para sorver novas colheradas.

Dias antes, havia sido participado que os bandidos, capitaneados pelo famigerado Tomaz das Quingostas, planeavam um assalto á residencia paroquial daquela freguezia. Desde então, profundamente consternado, durante longas vigílias. Junto do leito, ora passando as contas do Rosario, ora absorvido na leitura de qualquer obra recente, passava as noites apreensivo, na contingencia duma investida.

No momento, em que pelo quarta vez, suspendia do muro a vista cansada percebeu o rastejar cadenciado de socos no lagedo e tomando o bacamarte en-

caminhou-se para a porta, pé ante pé, apurando o ouvido de maneira a devasar o ambiente misterioso, que reinava em volta da residencia. O rastejar de socos aproximava-se; homens dialogavam quasi em silencio.

Foram horriveis os momentos de então; sentia o coração bater celere; os nervos vibrarem animosos; todo ele disposto a massacrar o adversário.

Reconsiderou porém. Deixara-se levar por uma resolução impensada. Discreteando sobre se devia opôr-se tenazmente aos agressores ou franquear-lhes a porta, optou pelo melhor — correr ao seu encontro e abrir-lhes de par em par todas as dependencias da casa, — porquanto, não convinha que ele, cujo mestre havia prègado a paz, usasse de tal meio contra os seus adversários.

Correu pois á sala a esconder o bacamarte. Quando regressou, já as pessoas cuja aproximação tanto pavor lhe ocasionara, batiam á porta.

— Quem está, inquireu?

— Sou eu, senhor abade, respondeu um deles.

— Ah és tu, Manuel... não vos traz aqui coisa boa... pois isso...

Entretanto dava volta ao ferrolho, desentrancando simultaneamente a porta.

— A tia Aninhas está doente, continuou sufocante o pobre do sacristão.

— Dai-lhes Senhor um momento de vida, segredou dirigindo-se ao cabide, donde tomou o capote, chapeu e guarda-chuva, saindo apressado com os sacristão e companheiros.

Rajadas de vento impetuoso agitavam raivosas os braços esguios das



VIZEU — S. João de Lourosa — Visita Pastoral. S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> falando ao povo no cemitério

(Foto. Alípio Vicente)

árvores, no bosque visinho; a coruja, reputada ave de mau agouro entre aquele povo ignorante, empoleirara-se na cornija da Igreja, emitindo sombrios lamentos; as nuvens arrastavam-se pesadas no espaço carregado; a chuva vercava acerbamente o rosto dos transeuntes precipitando-se de frente, e no horisonte sombrio um zig-zaguear de

fogo debuxava o perfil de seres mirabolantes.

Atingiam neste momento o cimo dum morro, donde ao baço clarão dum relâmpago, entreviram uma casa ao centro do pinheiral.

A velhinha debatia-se nas âncias duma agonia lenta. Urgia ministrar-lhe os ultimos sacramentos,

Tudo o que o ritual ordenava o sacerdote observou.

Debruçado sobre o leito colheu-lhe o ultimo suspiro.

Findara a sua missão junto da moribunda e conseqüentemente regressou a casa, a preparar a humilia e descansar algumas horas, porquanto havia muito tempo já que se não deitava.

Chovia a cântaros; a viagem longa e difficil, a escuridão imensa, tanto mais que era em pleno inverno, a agua das chuvas precipitava-se fragorosa dos alcantis das fragas, cavando na sua passagem fossos profundos.

Ao acicatar furibundo do vendaval, vinham subindo a encosta, arfantes, cabisbaixos, taciturnos.

Apenas atingido o morro, perceberam, num momento, a dificuldade de travessia: lufadas ríspidas e cortantes de ventania agreste impediam-lhes a marcha; o vento penetrando no tépido recinto da lanterna que num buxulear lucilante lhe ia indicando as sinecosidades do atalho, apagou-se de repente.

Tentaram reacende-la, envolvendo a lanterna com o capote, de maneira a não penetrar o minimo vento, no espaço tomado.

Impossivel, porquanto arremetendo, formidando, o vento não os deixava um instante imoveis, forçando-os por ultimo a desistir da empreza.

Encharcados como estavam, ante a borrasca que se desencadeara, era-lhes impossivel acoitarem-se sob as rochas, abundantissimas naquela serra. Era pois forçoso continuar a viagem.

Achegados um ao outro vinham descendo a encosta. O caminho porém era semeado de pedregulho e não raro

sucedida, apoiando-se nele, perder o equilíbrio e...

Atravez de peripécias multiplas conseguiram por fim chegar á Residencia, ás 4 horas da manhã. A's 5 já estava apostos, sobre a escrivaninha a preparar a humilia dessa manhã.

Imediatamente, logo a seguir á missa conventual, vieram chama-lo para ir sacramentar um enfermo, ao lugar mais distante da freguezia. Foi então adiada a hora da catequese para as 5 da tarde.

O programa dessa tarde era o seguinte: ás 2 inauguração da Juventude Católica, ás 3 reunião mensal das Filhas de Maria, ás 4 partia para a freguezia proxima a falar num Sindicato Agrícola, ás 5 catequese e ás 6 Adoração Mensal.

Satisfez rigorosamente ao programma com a pontualidade que o caracterizava.

A' noite recolhia a casa exausto, mas fruindo a alegria pura duma consciencia tranqüila e socegada, alegria, que os justos aspiram, como incitamento a uma obra encetada.

.....

Voaram anos. Aquele suor tão abundantemente vertido, aquelas canseiras tão resignadamente sofridas, haviam germinado em fructos exuberantes, que ele via pender louros e sazoados da arvore da religião nascida num terreno posteriormente árido e deserto.

Havendo dispendido todas as energias juvenis na sua recristianisação, parecia justo, agora, que se avisinhava o crepusculo da sua existencia, abençoasse satisfeito aquele brotar pujante da religião, antes moribunda, mercê dum labor tão assiduo como fecundo.

Satanaz porém que acompanhava indisposto o resurgimento cristão da freguezia, espreitava o ensejo de semear a discordia entre o pároco e os freguezes.

Surgiu e, ao seu bafo acalentador vingou, retirando para casa o pároco consternado, aos vaia zombeteiros de escarneos raivosos.

VAZ DE CASTRO.

## AO PÔR DO SOL

(NOTAS A LAPIS)

ERA numa tarde formosa do mês de Novembro. A natureza oferecia aos olhos do observador um scenário de estranha beleza e indizível encanto. Procurei os subúrbios de Braga para embebecidamente gosar uma tarde de Outono. Subi a Falpêr-



VIZEU — S. João de Lourosa — Visita Pastoral S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo de Vizeu dirige-se a sede da freguezia

(Foto. Alípio Vicente)

ra. Ali diliciei-me em espectaculos nunca vistos. O sol cheio de magestade e de brilho caminhava vagarosamente para o ocaso. Mas lá do seu trôno real inundava de luz purpurina tôda a terra e bordava as cristas dos montes com lindas espadanas de fôgo. Quem é que se não sente tentado a exclamar: Como é formoso e poético o pôr do sol em tardes de Outono!

Mas os olhos criados para ver e para contemplar o belo e as maravilhas da natureza e da arte não se ficavam sómente no Astro-Rei, espraivavam se por todo o hori-

sonte visual até se perderem no horizonte do nada... E, fenómeno extraordinário, para qualquer lado que enxergasse descobria sempre trechos inéditos e indiscreditáveis. Mas o que mais me cativava a atenção diante daquele extenso painel, onde se refletem um ou outro revérbero da Beleza Incrriada, era a perfeita aliança da *unidade*



VIZEU — S. João de Lourosa — Ainda outro aspecto da procissão

(Foto. de Alípio Vicente)

com a *variedade* e toda a harmonia do conjunto.

E olhava e tornava a olhar e nunca me cansava de estar vendo... ou como dizia João de Deus:

*E' tudo encantador! A gente cança  
Cança de estar olhando e sempre vendo  
Um novo encanto a cada olhar que lança!*

A vista dominava, extasiada, tôda aquela vasta região sem nunca deixar de admirar o sol. Que belos panoramas se disfructam!

As côres infindas da folhagem dos castanheiros, das ramadas das cerdeiras, dos robles truneluzindo no espaço ao sôpro dos tépidos favónios da terra produziam um efeito feérico e deslumbrante. A terra com a face voltada para o Criador, parecia transformada num esplendoroso altar, adornado com essa policrômica armação. As arvores vestidas com folhas de variegadas côres

davam a impressão de vasos e de solitários levantados no altar da criação...

Mas a vista vai descendo para os objectos que estão mais próximos do solo, e agora espreita através os esmeraldinos campos das aldeias circunjacentes, fartos de prados, salpicados de trevos, onde as raparigas, como as camponezas de Milet segavam a cantar, a erva fresca e perfumada, e o gado pascia, tranqüilo e manso, nos poisios, confraternizando com as levandiscas que saltitantes lhe poisavam no dorso. Com que ternura eu escutava o canto alegre das sombrias e das calhandras, e o deslizar sonoro das águas que faziam lembrar um côro de ocultas duendes a entoar hinos de saudação aos primeiros arrebois da aurora. Ao longe viam-se pequenos rios, lindos fios de prata, que deslisavam através as verdes campinas e renques de verdura, em cujas correntes cantam noite e dia os moínhos d'água. E por tôda a parte se via também o fumo das lareiras, em brancos espirais, levantar-se até ao ceu com os louvores da abundância e da paz. Das sementeiras levantam-se bandos de brancos pombinhos que fendem os ares em direcção aos seus pomboais onde fabricaram e têm os seus amorosos ninhos. Nas laranjeiras e nas medas de palha milha os pardais, em alegre chilriada, procuram dormida. Os galos das herdades visinhas cantam a recolher. E' que os raios sanguineos do sol crepuscular dão o último beijo ás criaturas e parecem pronunciar devotamente: «Até àmanhã se Deus quizer». E o véu da noite vem descendo serenamente. E eu, enlevado religiosamente diante destes quadros tão belos e tão sedutores, lembrei-me do sublime pensamento de Miguel Angelo: «A minha alma desdobrando as suas azas para se elevar até ao ceu onde nasceu não pára na beleza que seduz e prende, e que é tão frágil e enganadora, mas procura no seu vôo sublime atingir o princípio de belo universal».

\* \* \*

E digam-no os prescrutadores dos arcanos da criação, êsses geniais cultores das belas artes, se é mais interessante, mais fantástico, mais encantador o nascer ou pôr do Sol, a Primavera ou o Outono? Eu cá,



do Sameiro e Falperra. Ao agudo silvo da maquina o comboio põe-se em marcha e vai abandonando lentamente a gare. Trocam-se os ultimos cumprimentos. O acenar dos lenços, as ternas despedidas da familia e amigos comovem-nos. Veem-se alguns olhos marejados de lágrimas e ouvem-se soluços que procuram ser sufocados. E o comboio com velocidade crescente lá vai seguindo, some-se ao longe na curva, e somos arrebatados a este patetico e enternecedor quadro. Por momentos o silencio reina em todas as carruagens. E' a lembrança da familia que abandonamos, dos lares a que ignoravamos se voltariamos «ainda que a confiança n'Aquela que demandavamos o contrario nos inspirava» da ausencia das pessoas queridas e com quem convivemos que nos entretinham o pensamento. Porém esse silencio foi-se rompendo pouco a pouco e os peregrinos a maior parte dos quais jámais se viu começam a dar-se ao conhecimento, a insinuar-se e a conversa que gradualmente se vai propagando nos apaga na fantasia as tetricas imagens que antes a povoavam. Começam os canticos e a alegria principia a raiar no rosto de todos. Já estão bem longe as ideas que antes nos torturavam para dar lugar á esperança e ao frenesi de em breve vermos grandes maravilhas. Se bem que desconhecidos todos os peregrinos se tratam fraterna e cordealmente e todos os carinhos convergem principalmente para os doentes que são em grande numero. Igualmente nos vão entretendo e distraindo os encantadores e variagados panoramas que á maneira de peça cinematografica fica ante nós se vão desenrolando. Sem duvida que a principio pouco despertam a atenção esses panoramas pois que com pequena diferença são os mesmos que de ordinario a todos os momentos se nos deparam neste belo Minho. Contudo alguma coisa nos surpreende; aqui soberbos quadros campezinos, acolá o colear de um rio de pitorescas margens pijantes de verdura, além os costumes do povo, principalmente dos lavradores no amanho das terras, as surpresas enfim que a natureza sempre e em todos os logares nos proporciona. E' porém ao passo que nos vamos embrenhando na visinha provincia de Traz-os-Montes

que se vai notando e cada vez mais acentuadamente grande diversidade. O rio Douro com as suas aguas esverdeadas e correndo quasi sempre entre escarpadas e pedregosas margens, acompanha-nos longo tempo. Atravessando despovoados enormes, apenas de longe em longe se avista um pequeno logarejo. A não ser junto das margens, onde vicejam alguns pequenos arbustos por toda a parte reina uma aridez caracteristica.

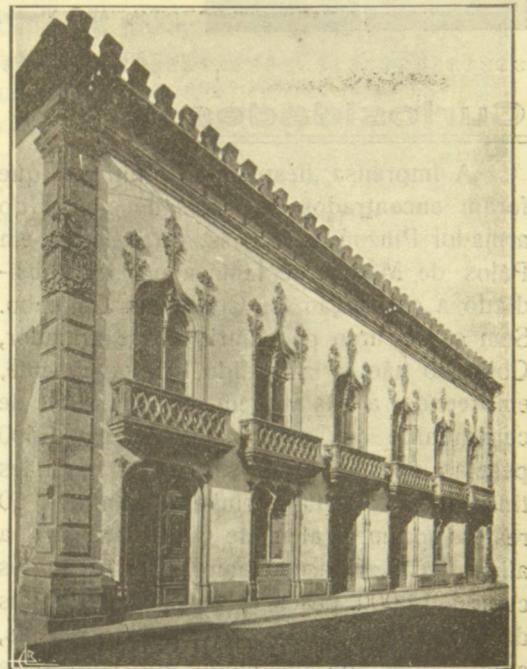
QUARMES.

## Viana do Castelo — Casa dos Agorretas

E' uma das mais apreciaveis casas da cidade de Viana do Castelo.

A casa possui uns magnificos salões onde se encontra um verdadeiro museu de preciosidades em ceramica, vidraria, etc., a par dum mobiliario de grande valor artistico.

E' actual senhor da casa e representante das respeitaveis familias Agorreta e Alpuim, o nosso illustre amigo Sr. Miguel Alpuim d'Agorreta e Sá Coutinho, casado com a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Efigenia Pinto Ribeiro.



VIANA DO CASTELO — Casa dos Agorretas

# PRESO DE AMOR

S. Francisco de Assis:  
« Preso d'amor non faccio renitenza. »

(A. GUIDO BATTELI).

*Hora de luz em agonia santa :  
Trinam as aves ... S. Francisco chora ;  
Choram as rosas ... S. Francisco canta ;  
Cantam os Anjos ... S. Francisco adora !*

*E' fogo rubro o sol, ao ir-se embora.  
Paramenta-se de oiro cada planta.  
Murmúrio de almas pela sombra ... Agora,  
soluça a treva (que jamais foi tanta).*

*A Lua nasce, além, cheia de graça.  
No Azul tremente de emoção perpassa  
um magnetismo oculto e salutar.*

*A noite avança, em vôo, sôbre Assis.  
E o Pobresinho nada faz nem diz  
senão actos de amor ... só sabe amar !*

1926.

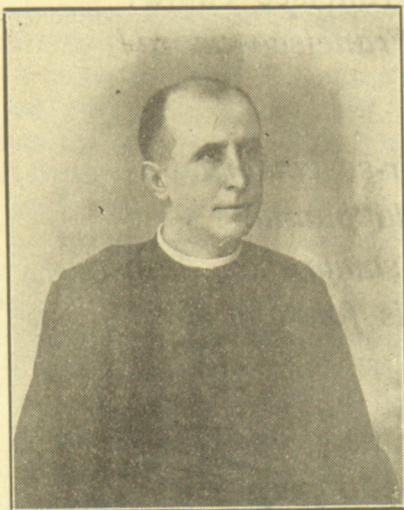
JORGE : DO SANTO : GRAAL.



## P.<sup>e</sup> JOSÉ DO EGYPTO VIEIRA

Morreu o P.<sup>e</sup> José do Egypto. Quem o não conhecia?

Era o Padre mais popular de Braga. Se era queridíssimo na sua paróquia de S. João do Souto, onde, durante 41 anos, prestou os seus serviços, a sua actividade como pároco, e cujo zelo ninguém o excedeu, era, também, respeitado e estimado em toda a cidade.



*Padre José do Egipto Vieira*

A sua morte foi sentidíssima. Desapareceu do numero dos vivos uma figura de relevo neste meio, pois que, o rev. P.<sup>e</sup> José do Egypto era um sacerdote, modelo da sua classe, e um cidadão prestante, coração aberto para todos os que dele se abeiravam.

O seu funeral foi um dos mais concorridos a que temos assistido.

A ele se associaram todas as classes de Braga, o povo, e, em especial, os seus paroquianos.

Que descance em paz, a alma do saudoso morto.

## António Luís da Costa Pereira de Vilhena Coutinho

Faleceu há dias na sua casa, na antiga Praça do Municipio, o snr. António Luís da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, velho e respeitável fidalgo bracarense, estimadíssimo por todos quantos o conheciam.

Foi um modelo de esposo e pai, legando aos seus um nobre exemplo em todos os actos da sua vida.

Morreu com 99 anos de idade, rodeado dos carinhos duma esposa querida e dos filhos que lhe foram sempre duma manifesta dedicação, os nossos respeitáveis amigos os snrs. dr. Gaspar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho e António Luís Pereira Coutinho de Vilhena.

Foi toda a sua vida um cristão prático, e morreu, recebendo com a maior resignação, todos os sacramentos da Igreja.

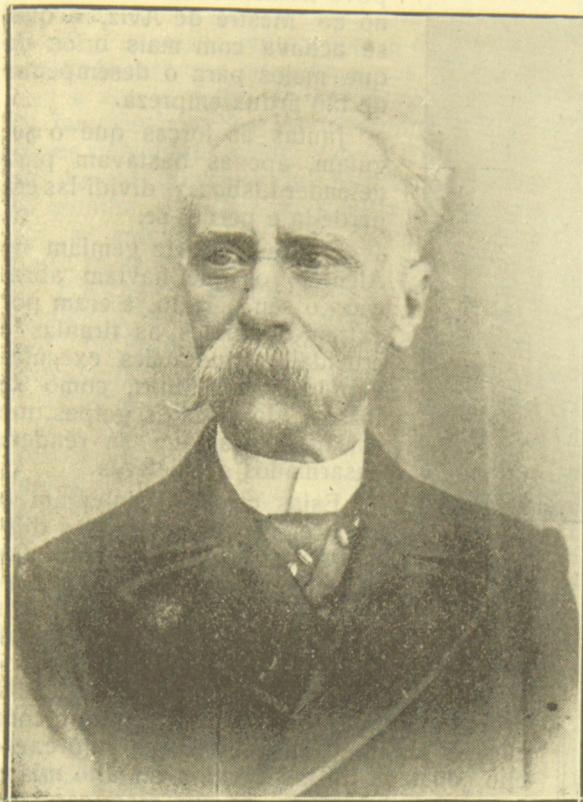
\*  
\* \* \*

António Luís da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, nasceu a 5 de Março de 1830, tendo portanto cerca de noventa e nove anos. Era filho de Gaspar José da Costa Pereira Coutinho de Vilhena, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alv. 23-VIII-1823) que foi vereador e presidente da Camara de Braga, etc. e de sua mulher D. Ana Tolentina de Souza Barbosa; neto de Gaspar José da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alv. 8-XII-1779), cavaleiro da Ordem de Cristo, alcaide-mór de Ervededo, Bacharel formado em leis, 6.<sup>o</sup> administrador do Morgado da Roda e 3.<sup>o</sup> do vínculo de S. José, e de sua terceira mulher D. Maria José Teixeira de Carvalho Favorote; bisneto de Rodrigo António da Costa Pereira, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alv. 8-2-1746) major de milicias de Braga, sargento-mór

de Basto, tenente-coronel de Infantaria, Governador de Melgaço e vereador de Braga, fidalgo de geração e cota de armas (C. R. de 12-VI-1733), e de sua mulher D. Inácia Maria Clara de Vilhena Coutinho, irmã de Marques de Soudos e açafata; terceiro neto de Luís Manuel de Gouveia da Costa Pereira, cavaleiro da Ordem de Cristo, escrivão da Camara Eclesiástica de Braga e de sua mulher D. Catarina Antonia de

e aparentada com as principais famílias do Minho.

O ilustre extinto foi, como seu pai e seu avô, snr. da casa e quinta do Paço em Palmeira, que foi do arcebispo infante D. José de Bragança e foi vendida pelo sobrinho herdeiro Duque de Lafões. Teve, por hereditariedade o fóro de Fidalgo Cavaleiro (alv. 25-4-1867) e exerceu o cargo de oficial do Governo Civil de Braga, onde foi também, durante alguns anos, vice-consul do Brazil.



Antonio Luiz da Costa Pereira de Vilhena Coutinho

Abreu Soares, irmã de Afonso Manuel de Abreu Zuniga, cónego na Sé Primáz; e quarto neto do dr. Manuel de Figueiredo de Gouveia, cavaleiro da Ordem de Cristo e escrivão da Camara Eclesiástica, que veio para Braga com o Arcebispo D. Luís de Souza em 1683, e de sua segunda mulher D. Isabel da Costa Pereira, terceira administradora de Morgado da Roda e capela do SS. Sacramento em Bravais (Ponte da Barca), descendente dos Costas e Pimentas

S. Roque, nobre francez, ficou de 12 anos orfão de pai e mãe. Logo depois, inspirado por Deus, repartiu pelos pobres todos os seus bens, e deixando a propria Patria, com generoso desprezo do mundo, e das suas falsas consolações e enganosas delicias, vestido de pobre peregrino, foi visitar os santuários da Italia. Grassava naquele tempo em varias cidades uma peste mortal, e cheio o servo de Deus de caridade e amor para com o proximo, applicou-se todo ao serviço dos miseraveis enfermos, restituindo a muitos, só com o sinal da cruz, uma perfeita saude.

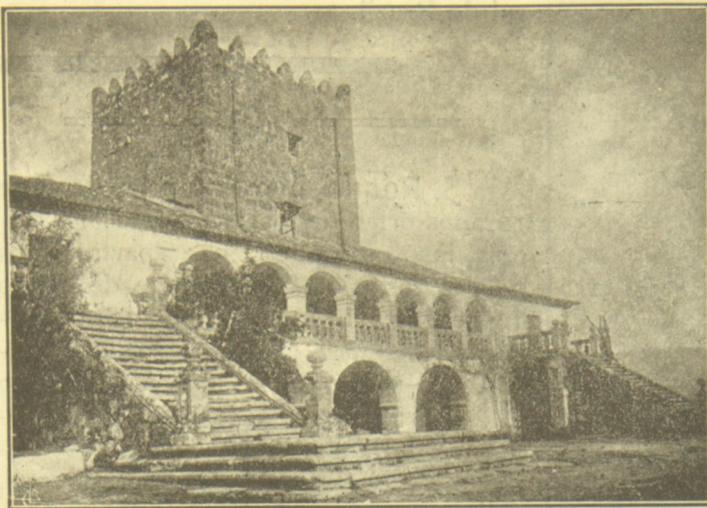
Ali recebeu o santo habito da Terceira Ordem de S. Francisco; e enfermado no caminho ao voltar para França, foi-lhe preciso parar em um deserto debaixo de uma arvore, onde destituído de todo o humano auxilio, e coberto de chagas por todo o corpo, o Senhor o socorreu milagrosamente por meio de um cão, que não só lhe lambia e curava as feridas, mas também lhe trazia o quotidiano sustento.

Em suma, depois de haver sofrido outras muitas tribulações com inteira conformidade, viu-se reduzido pelo mal contagioso ao extremo da vida. E morrendo deixou escrito em uma tabela o seu nome, com a estimavel promessa de socorrer sempre os que feridos da peste invocassem o favor divino.

## Solar e Torre de Aguiã

A gravura que segue nesta descrição representa a histórica casa e Torre de Aguiã, situada na freguezia de S. Tomé de Aguiã, no concelho dos Arcos de Val-de-Vez.

A casa e torre encontra-se a meio



O Solar de Aguiã

duma grande gruta. O solar de Aguiã é uma esplendida casa apalaçada, de grande admiração pela sua grandeza e sumptuosidade.

A casa e torre de Aguiã são hoje pertença do Sr. Simão da Rocha e Brito Aguiã, casado com a Sr.<sup>a</sup> D. Ana Maria Vaz Guedes de Souza Bacelar (Vila Garcia).

**Dinheiro de pé e meio.** — Cunhava-se na Suécia, no século XVII, grande quantidade de moedas de cobre, por tal modo pesadas e incomodas, que difficilmente podia um homem levar umas poucas comsigo. A mais notavel era a de 24 thallers, que tinha a grossura dum dedo, e o comprimento de pé e meio. Tres peças destas correspondiam a um cruzado novo. Um homem a quem se pagassem dez moedas em dinheiro deste, seria obrigado a levar comsigo um carro para o trazer.

## Batalha dos Atoleiros

A primeira victoria que conseguiu dos castelhanos o grande D. Nuno Alvares Pereira foi a dos Atoleiros, assim chamada por ter succedido em um logar deste nome, junto á vila de Fronteira, na provincia do Alentejo. Viera sobre Lisboa com formidavel poder El-Rei de Castela, D. João I, e para dividir as nossas pequenas forças mandou que um bom numero das suas tropas entrasse naquella provincia. Havia o povo nomeado defensor do reino ao Mestre de Aviz, o qual se achava com mais brios do que meios para o desempenho de tão ardua empreza.

Juntas as forças que o seguiam, apenas bastavam para defender Lisboa: — dividi-las era perde-la e perder-se.

Por outra parte gemiam no Alentejo os que haviam abraçado o seu partido, e eram por extremo grandes as tiranias e crueldades que neles executavam os castelhanos, como se fossem gloriosos os golpes que cortam pelos que se rendem desarmados e indefezos.

Estas cauzas resolveram o Mestre, vencendo grandes difficuldades, a acudir a este damno, mandando passar ao Alentejo o grande condestavel.

Obedeceu este prontamente, e chegando a Evora, capital daquela provincia, juntou um pequeno troço de gente, que pouco excedia de 1.000 infantes, 300 cavalos e 100 bésteiros, e com eles se fez na volta do inimigo, cujo exercito constava de mil cavalos e muito maior numero de infantaria, de que eram capitães Diogo Gomes Barroso, mestre d'Alcantara; D. Pedro Alvares Pereira, mestre de S. João; D. João Afonso de Gusmão, conde de Niebla; Fernão Sanches de Tovar, almirante de Castela; Pedro Ponce, senhor de Marchena; Pedro Gonçalves de Sevilha, adiantado de Andaluzia, e outros muitos senhores, não menos illustres em sangue, que famosos am acções.

Sim, era para temer o conflicto á vista de tanta desigualdade; mas no coração de Nuno Alvares jámais entrou temor. Soube que os castelhanos se chegavam, e muito contente com esta nova, fez alto no logar dos Atoleiros (que por este successo se fez celebre), e formando os seus soldados o animou com palavras breves e resolutas, e

muito mais com a serenidade e alegria de rosto, aonde se viam evidentes anuncios da victoria.

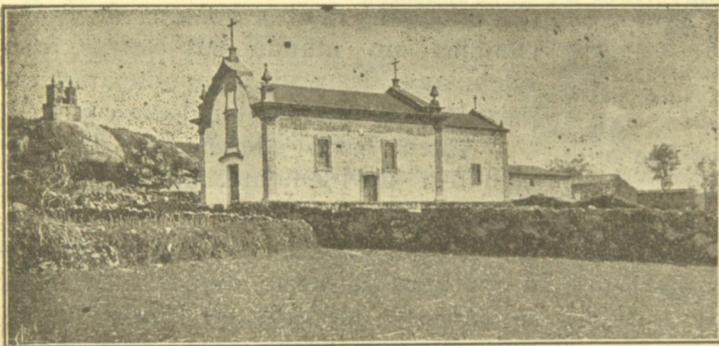
Outros eram os pensamentos dos inimigos. Julgavam-se facilmente vencedores, olhando com desprezo para os nossos, vendo-os poucos, mal vestidos, e peor disciplinados.

Começou o combate de ambos os lados com vigoroso impulso: — uns clamavam Santiago e Castela; outros S. Jorge e Portugal — e uns e outros se feriam sem piedade, e se matavam sem horror. As exhortações dos capitães, os golpes dos soldados, as queixas dos feridos, e as ancias dos agonisantes formavam uma confusão medonha. Por muito tempo esteve duvidoso o resultado, até que os portugueses, animados com a voz, e muito mais com os exemplos do famosissimo Pereira, carregaram os inimigos com tanto ardor, que os romperam e derrotaram inteiramente. Morreram muitos na batalha, e muitos mais deles no alcance, que se estendeu por espaço duma légua. Entre os mortos foram os principais o mestre d'Alcantara Diogo Gomes Barroso, e o adiantado de Andaluzia Pedro Gonçalves; entre os feridos o almirante de Castela, o prior de S. João e outros. Com esta victoria começou a respirar a provincia do Alentejo, e os castelhanos começaram a conhecer que tinham em Nuno Alvares um forte e fatal inimigo.



## CONQUISTA DE SEBASTIÃO GONÇALVES TIBAU

Pelos anos de 1608 dominava em Sundiva (ilha fértil e opulenta, de setenta léguas de circuito) um mouro chamado Fatecão, o qual por meio de traições e tiranias subira áquele estado, e com as mesmas se conservava nele. Cheio de elevadas presumpções formava os titulos que lhe dictava a sua vã arrogancia chamando-se *rei da ilha Sundiva*,



VIEIRA DO MINHO — Vilar-Chão — Igreja paroquial e torreão

derramador do sangue cristão e ruina da nação portugueza no Oriente. Raras vezes se mostra esforçado nos perigos quem antes



VIEIRA DO MINHO — Rossas — O artistico e vetusto Cruzeiro

deles blasona demasiado. — Vogava por aqueles mares Sebastião Gonçalves Tibau, exercitando o commercio, ou, como outros dizem, a pirateria com dez embarcações pequenas que ali usam, e nelas oitenta portuguezes, os quais eram um continuo sobresalto ao soberbo mouro.

Quiz este sacudir da visinhança das suas terras este pequeno poder, e por dar satisfação aos titulos que ele mesmo arrogára saiu em sua busca com uma armada guarnecida de seiscentos combatentes escolhidos. Toparam-se na tarde desse dia, e travou-se um acerrimo conflicto que durou até a manhã seguinte, em que se viram victoriosos oitenta portuguezes de 600 mouros, sem que escapassem algum destes de captivo ou morto, e entre eles foi o soberbo Fatecão, que pagou a golpes do nosso ferro os excessos da sua arrogancia.

Das embarcações inimigas tambem não escapou nenhuma de rendida, ou abrasada.

\*\*\*\*\*

**Agradecimento e resentimento.** — Aquele a quem se dá, escreve o agradecimento na areia; aquele a quem se tira, escreve o resentimento no bronze.

# ANECDOTAS

Construiu-se nos Estados Unidos uma curiosa estrada de ferro sobre o Oceano, destinada a ligar a parte meridional da Florida á ilha de Key West, no alto mar. O conjunto da construção oferece o aspecto de um aqueducto romano. E' de facto, formada de uma série de viaductos de cimento armado, de 7 metros de altura, sobre os quais corre a estrada. Esta, em certos pontos, é movel, a fim de permitir a passagem dos navios de pesca que frequentam essas paragens. A nova e engenhosa via ferrea abreviou consideravelmente o trajecto de Nova-York á Havana e facilitou o transporte dos productos cubanos aos mercados de Boston, Nova-York e Washington. Além disso, sendo Key West o porto dos Estados Unidos mais proximos do Panamá, aberto o canal, a prosperidade comercial da Florida cresceu de modo notavel.

\* \* \*

Wilhelm Bode, que escreveu um livro repleto de anedoctas atinentes a Goethe, conta que o poeta (nascido a 28 de Agosto de 1749) estava, no mez de Agosto de 1818, em Carlsbad, em tratamento, quando numa manhã, ordenou ao criado que lhe trouxesse duas garrafas de bom vinho e dois copos. Em seguida, explicou-lhe que, no peitoril de cada janela, collocasse um calice, que iria enchendo á proporção que fosse bebido. E começou a percorrer o quarto; cada vez que passava em frente a um copo, de um trago o esvaziava. Nessas condições o surpreendeu o Dr. Rehbein, medico e conselheiro da côrte:

— Como agradeço a sua visita! Não se esqueceu de que estamos a 28 de Agosto.

— 28? Não; 27.

— 28. E' o meu anniversario.

— Ilude-se; hoje é 27.

— 28, insistiu o poeta. Carlos (era o nome do criado), que dia é do mez?

— 27.

— Não creio; dê-me um calendário.

E quando se convenceu, exclamou com tristeza:

— Que lastima! Embriaguei-me inutilmente...».

# HISTORICAS

## LIVROS RECEBIDOS

### Almanaque de Ponte de Lima

Recebemos, este precioso Almanaque.

Ponte do Lima, a linda terra mi-nhota, terra de encantos, ninho de poetas e de pensadores, dá, sempre a nota da sua existencia e marca, no mundo das letras, pela sua galeria de escritores e de prosadores de boa nota.

O Almanaque de Ponte do Lima é um documento, uma obra, para a historia da velha e historica vila.

Contem minuciosidades, bocados que colhidos e arquivados como o foram, formam, no volume, um conjunto apreciado.

Tem, Ponte do Lima, filhos dedicados, amigos que a inaltecem, que lhe elevam o conceito e a fama que ela justamente goza.

O Almanaque, tem a dirigil-o, o nosso velho amigo Sr. Dr. Artur Cardoso Pinto Osorio, que é um investigador, um trabalhador incançavel, pelo bem e engrandecimento da sua terra.

Assim, o Almanaque, é elucidario completo das maravilhas de Ponte do Lima.

E' um volume de 208 paginas, contendo descrições e illustrações muito apreciaveis dos principais monumentos do Minho. Contem o retrato de figuras distinctas, de muitos homens de merecimento no mundo das letras, das sciencias e das artes, que ocuparam no paiz, logares de singular distincção.

Quem ler o Almanaque, e apreciando-o devidamente, encontra nele muito que aproveitar.

Agradecemos, muito reconhecidos a gentileza da oferta dum exemplar do Almanaque de Ponte do Lima, que arquivamos na nossa casa, com muita satisfação e agrado.

# COLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA --

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primaria e Curso Liceal

*Plano, canto, desenho, pintura e flôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos*

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

**FRANCISCO PEREIRA VILELA**

Antiga Casa

Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA — Telefone n.º 59

## Secção de Igreja

*Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.*

## Secção Militar

*Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.*

FALAR NA



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Candiço Reis, 87

BRAGA

# ≡ 1.ª Série de Brindes ≡

Promovida pela "PAX,,

Secção **Livraria Litúrgica**

*Pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia de 26 de Janeiro corrente, realisou-se o sorteio dos Brindes oferecidos pela "PAX,, aos seus clientes, cabendo*

- ao n.º 2719 (1.º prémio) UM MAGNIFICO QUADRO DO S. CORAÇÃO DE JESUS, luxuosamente encaixilhado.
- ao n.º 7219 (2.º prémio) Um volume da obra JESUS CRISTO, VIDA DA ALMA, encadernado em carneira.
- ao n.º 8470 (3.º prémio) Uma Colecção «OPUS DEI» da Série «Liturgia e Monaquismo»

*Estes brindes serão entregues em troca da apresentação do postal litúrgico oferecido com os respectivos N.ºs*

"PAX,,

Rua Nova de Souza, 107  
**BRAGA**

**LIMA, FILHO & C.ª L.ª**

*Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense*

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

**BRAGA**

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS